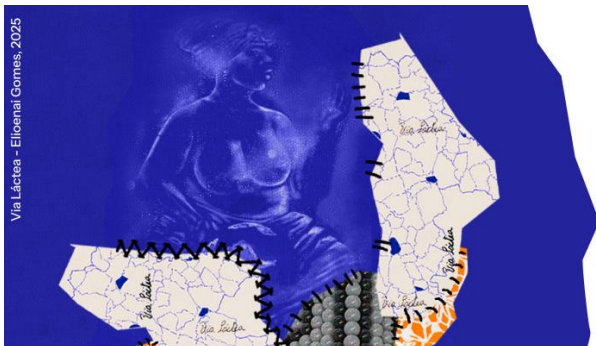




A LINGUAGEM DO DESENHO MEDIADA PELO CORPO ESTESIOLOGICO

Márcia Betânia Alves da Silva¹ – PPGED/UFRN

Este trabalho discute a relação entre o corpo, o desenho e a inclusão, a partir de uma proposição pedagógica embasada na concepção de corpo estesiológico, conforme Merleau-Ponty (2000, 2015). Buscamos investigar o processo de criação em desenho mediado pelo corpo em movimento, superando a visão tradicional do desenho como mera reprodução sob o horizonte da educação inclusiva.

Nesse contexto, a inclusão escolar é vista como um direito de todos, em que a heterogeneidade dos estudantes e suas diferenças são consideradas. Conforme Amiralian (2009), tal posicionamento desafia-nos a aceitar cada pessoa como realmente é, permitindo que todos aprendam juntos sem o apagamento de suas singularidades. E a estesiologia, a teoria das sensações, compreende o conhecimento como uma organização que se dá por meio das sensações do corpo. Nesse sentido, o corpo estesiológico se abre ao mundo pela capacidade de sentir, afetar e se expressar. Assim, na pesquisa concebemos o desenho como ato corporal. Uma linguagem acessível, explorando a expressão gráfica indissociável da gestualidade do corpo.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola municipal do Natal/RN, em uma turma do 6º ano composta por 28 (vinte e oito) estudantes, sendo um deles com baixa visão. A abordagem metodológica fundamentada na filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin (2011) foi pesquisa-intervenção. Essa escolha reconhece que a produção de conhecimento acontece na interação dialógica entre pesquisador e partícipes. A interpretação dos dados foi originada durante e depois da realização de três oficinas pedagógicas. Essas oficinas, com duração de duas horas cada, foram o

¹ Doutoranda, Mestra em Educação e Especialista em Ensino de Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Arteterapia pelo Alquimy Art/SP e Universidade Potiguar (UnP). Licenciada em Educação Artística – Desenho pela UnP. Professora Formadora na FormaArtes/SME e Assessora Pedagógica na SME/Natal/RN. E-mail: mar.bell@yahoo.com.br.

espaço para a intervenção, em que o processo de pesquisa é o acontecimento da negociação entre todos os envolvidos. A metodologia buscou a compreensão do objeto de estudo não de forma estática, mas como um processo dinâmico em que a alteridade mútua e os olhares exotópicos entre pesquisador e partícipes constroem o conhecimento de forma compartilhada.

As oficinas da intervenção pedagógica, denominadas “na espacialidade do corpo, o desenho abstrato”, desvelaram a apropriação de distintos espaços e materialidades pelos estudantes. Inicialmente, os estudantes criaram movimentos simétricos no ar (jogo da máquina humana) para em seguida transpor essa gestualidade para o papel. A mudança de um espaço amplo para um restrito (papel A3) provocou um reordenamento dos movimentos. Essa transição foi superada na segunda oficina, quando o grupo explorou papéis de grande dimensão no chão, permitindo ao corpo estesiológico mais liberdade de exploração, suscitando novos arranjos para o desenho enquanto gesto corporal.

Esse novo arranjo para o desenho em ato fora baseado pelo contato dos estudantes com a arte contemporânea e performática do dançarino, performer e artista visual Tony Orrico (1979). Base artística fundamental para a ruptura com a ideia do desenho como mera representação. Nas falas dos partícipes, como as de Bryan e Rosa (nomes fictícios), compreendemos a importância dessa nova experiência. Segundo Bryan, “É muito diferente a gente aprender assim; no começo eu fiquei com vergonha... eu não sabia nada de arte contemporânea, mas ela é aprender de outra maneira, bem diferente”. Rosa, por sua vez, complementou: “Aprendi que a arte contemporânea é... a gente sai das coisas que está acostumado a fazer”. Tais depoimentos desnudam um descondicional do olhar e uma superação da passividade, que muitas vezes marca as aulas tradicionais no campo do ensino e da aprendizagem do desenho.

Na arte contemporânea, o corpo sai do lugar de passividade e entra na ideia de corpo de intencionalidade, de potencialidade, de um corpo que é capaz de insurgir, de libertar-se e transformar-se. “Nas obras contemporâneas, em suas



sensibilidades diversas, o corpo assume os papéis concomitantes de sujeito e objeto, que aparecem mesclados de forma a simbolizar a carne e a crítica, misturadas”. (Canton, 2014, p. 24).

As Figuras 1 e 2, ilustram a plenitude da experiência do corpo. Na Figura 1, Matheus Silva é visto em um processo criativo, com o corpo desdobrando-se em um papel de grande dimensão. Seu gesto não é uma simples repetição dos movimentos aéreos, mas uma reelaboração que mostra a inseparabilidade entre corpo e materialidade. Nas imagens das Figuras 1 e 2, evidenciamos essa inseparabilidade na experiência de Matheus. Seu processo gráfico se torna um ato corporal e o desenho, por si só, é o próprio objeto de arte. Ao observá-lo, percebemos uma convocação visceral da estesia do corpo no percurso do ato criativo.

Figura 1 – Matheus Silva em processo criativo



Fonte: A autora.

Audiodescrição: Duas fotografias em formato paisagem mostram o estudante Matheus sentado em posição de Buda grafando o papel de grande dimensão que está fixado com fita adesiva no chão. Matheus tem um giz preto em cada mão e grafa o papel usando as duas mãos simultaneamente. Ambas as fotografias com desenhos abstratos. A primeira, à esquerda, registra uma composição de linhas retas e curvas na cor preta. Do centro da folha de papel saem duas linhas curvas na horizontal para as laterais do papel e duas linhas retas na vertical. A segunda fotografia, à direita, mostra a mesma composição com linhas retas, curvas e circulares na cor preta, acrescida de duas circunferências em cada canto da folha de papel. (Fim da audiodescrição).

A Figura 2, por sua vez, mostra Matheus Silva deitado sobre um papel gigante, grafando com bastões de cera. Nessa ação, o corpo se torna um todo indivisível com a composição gráfica. Os movimentos circulares e o esforço físico demonstram a entrega e a performance que se tornam parte do desenho. A leitura



da imagem dá sentido ao conceito de corpo estesiológico de forma concreta, na qual a imagem visualizada no papel de grande dimensão no chão é a marca da expressão da corporeidade que atribui sentido e significado à experiência artística. O desenho, nesse contexto, tanto na sua expressão quanto no seu fazer artístico, está diretamente ligado à nossa relação perceptiva com as coisas e com o mundo.

Figura 2 – Desenho como ato corporal



Fonte: A autora.

Audiodescrição: Duas fotografias coloridas em formato paisagem de Matheus Silva em processo criativo. Ele está deitado de bruços sobre o papel gigante. Ele tem em cada mão um giz de cera de cor preta e, simultaneamente, grafa o papel que está fixado no chão. (Fim da audiodescrição).

Partindo desse ponto de vista, o desenho não é apenas a representação de algo, mas a própria expressão da corporeidade em sua relação com o mundo, com as pessoas e com os objetos. Ele se assemelha à vida, pois, como afirma Chuí (2010, p.188), “É em parte um pensamento que se concretiza e um projeto que não se finaliza completamente”. Essa perspectiva do desenho como gesto corporal, em que a estesia é valorizada, é fundamental para o ensino de Artes Visuais. A proposição pedagógica, ao se afastar da reprodução visual, possibilitou que o estudante com baixa visão explorasse o desenho com base em suas próprias sensações táteis e cinestésicas. Isso permitiu a ele e aos demais estudantes o desenvolvimento de uma expressividade única, provando que a diferença, quando valorizada, pode ser um potente meio de criação. A experiência, assim, se revela um



campo de possibilidades para o ensino e a aprendizagem, onde as singularidades de cada corpo são a base da linguagem do desenho.

Diante do exposto, apreendemos que a linguagem do desenho mediada pelo corpo estesiológico é um campo de experiência potente no currículo do ensino de Artes Visuais. As oficinas pedagógicas proporcionaram um espaço de liberdade e criação, onde o corpo em movimento se tornou o principal instrumento para a linguagem do desenho. A experiência demonstrou que, ao valorizarmos a estesiologia do corpo na expressão gráfica, rompemos com a ideia de um ensino como transmissão de conteúdos, favorecendo o aparecimento da ludicidade durante o aprendizado, propiciando o desenvolvimento da expressividade e da consciência perceptiva dos estudantes. O estudo destaca a importância do desenho como propulsor de conhecimento, que, ao se desdobrar por meio da experiência sensível e do corpo em ação, permite que tanto o estudante com baixa visão quanto os demais estudantes construam e ampliem seu repertório artístico de forma prazerosa e significativa, percebendo que a linguagem do desenho como expressão do corpo estesiológico é inclusiva e contribui para a reinvenção de si e do mundo.

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, Maria Lucia Toledo Moraes. **Deficiência visual**: perspectivas na contemporaneidade. São Paulo: Vetor, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CANTON, Kátia. **Espaço e lugar**. São Paulo: MWF Martins Fontes, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Natureza**: notas: cursos no Collège de France/Maurice Merleau-Ponty; texto estabelecido e anotado por Dominique Séglaard; Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000. – (Tópicos)

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

TIBURI, Márcia; CHUÍ, Fernando. **Diálogo/desenho**. São Paulo: Editora Senac, 2010.